

Prefácio

Sinéio Ferraz Bueno

Como citar: BUENO, S. F. Prefácio *In* : FERREIRA, J. V. H. Autoritarismo, fascismo e educação: ainda a presença de que Auschwitz não se repita. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p.11-16. DOI:
<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-296-3.p11-16>



Prefácio

A extrema relevância e atualidade deste livro de João Hadich se torna evidente quando consideramos a advertência de Theodor Adorno sobre a persistência das condições objetivas geradoras do fascismo, mesmo no interior de sociedades democráticas. Em sentido contrário às esperanças iluministas do século XVIII, o avanço da democracia liberal ao redor do mundo não acarretou necessariamente um progresso humanitário e racional. Mesmo que uma quantidade significativa de países adote as regras do liberalismo político em suas constituições, o conceito de democracia, que pressupõe a existência de uma comunidade de sujeitos livres, permanece negado em sua efetividade, sendo condenado a mero formalismo na esfera política. Essa defasagem entre o conceito de democracia e a realidade política nas sociedades capitalistas foi o núcleo temático da pesquisa sobre a personalidade autoritária, realizada por Adorno e diversos outros pesquisadores nos Estados Unidos nos anos 1940.

A pesquisa sobre a personalidade autoritária, empreendida pelo *Instituto de Pesquisas Sociais*, traduziu em termos quantitativos e também qualitativos as inclinações emocionais e comportamentais à adesão a temas e ideologias fascistas. O fato da pesquisa ter sido realizada junto a vários estratos de populações de uma sociedade democrático-liberal, revelou a condição de grande vulnerabilidade emocional a ideologias e palavras de ordem disseminadoras de preconceito étnico, agressividade grupal e diversos tipos de

estereotipia depreciativa da diferença no tocante a religião, gênero, nacionalidade etc. Como o objetivo desse trabalho de pesquisa se relacionou com a estrutura emocional da personalidade do público-alvo, os aspectos emocionais tiveram uma importância nuclear, em detrimento das declarações manifestas de preferência ideológica.

Dizer que existe uma defasagem entre o conceito de democracia e a realidade concreta da sociedade, significa que a promessa de liberdade e cidadania, que é inseparável do espírito democrático, é traída quando se propagam tendências expressivas de preconceito, segregação e perseguição dirigidas contra populações negras, homossexuais, indígenas, imigrantes etc. A atmosfera agressiva do fascismo está diretamente relacionada com a vulnerabilidade emocional da personalidade autoritária a palavras de ordem disseminadoras de preconceito e violência, e essas tendências se originam da predisposição a comportamentos agressivos em escala grupal. Quando o preconceito é perpetrado em grupo, a irmandade fascista se sente autorizada ao escoamento de pulsões agressivas reprimidas contra inimigos imaginários artificialmente produzidos.

A análise realizada por Sigmund Freud sobre a psicologia de massas tem importância nuclear para o entendimento do fascismo, pois ela possibilita compreender como é possível, que em sociedades institucionalmente democráticas, a regressão coletiva à barbárie se torne uma realidade efetiva. A esse respeito, o conceito freudiano de *unheimlich*, que significa estranho, mas ao mesmo tempo, familiar, permite entender a projeção emocional que é inseparável da atmosfera agressiva do fascismo. Pela projeção emocional da estranheza de si mesmo sobre o outro, o agente do preconceito se sente redimido e aliviado dos traços mal resolvidos que danificam

sua identidade pessoal. Para o fascista, o estranho é sempre o outro: o gay, o negro, o pobre, o morador de rua, a mulher; em outras palavras, os conteúdos conscientes ou inconscientes de impotência e fracasso que danificam o próprio eu são projetados em todos aqueles que representam imaginariamente a diferença.

O leitor não terá dificuldade em reconhecer a extrema atualidade deste livro de João Hadich, pois sua reflexão repercute problemas que não fazem parte de um passado histórico superado, mas reverberam na sociedade brasileira atual, sob o impulso da catástrofe ética e social representada pelo bolsonarismo recente. É relevante notar que o início da pesquisa de doutorado que originou a presente obra, data do ano de 2017, época em que o ovo da serpente estava sendo lentamente gestado, transparecendo na mentalidade moralmente perniciosa do movimento “Escola sem partido”. Naquela época, embora muitos de nós não imaginássemos a magnitude de uma barbárie devastadora que iria afetar a própria sanidade mental de grande parte dos brasileiros, João Hadich percebia com clareza incomum os horizontes sombrios dos anos vindouros, e é justamente por esse motivo que sua pesquisa é altamente relevante para entender a sociedade brasileira atual.

Um dos grandes méritos da reflexão exposta neste livro consiste em desmistificar a repulsa pública pela esfera da política, que em si mesma integra o conjunto de sintomas da síndrome fascista. Ao contrário da mentalidade de recusa da política, o autor realça a urgência de uma politização autêntica e autônoma da esfera do poder, para que se torne possível um exercício público potencialmente resistente à disseminação da barbárie. Em regimes fascistas, embora o debate público seja protagonizado pelo líder e seu

conjunto de cúmplices ministeriais e milicianos, é importante ressaltar que, em um contexto assim, o que se tem é uma pseudopolítica, pois não há debates autenticamente públicos em torno das questões urgentes que afetam a população. Inspirado por Hannah Arendt, João Hadich nos lembra que “política” é a esfera do debate público entre diferentes, movido pela perspectiva de um mundo comum. A verdadeira política se traduz no exercício da liberdade potencialmente voltada para o rompimento do estado de exceção que na realidade atual silencia o debate público e massacra todos aqueles que representam a diferença.

Embora na esfera da política, e principalmente no campo moral, as pessoas autoritárias e inclinadas a preconceitos fascistas se autodenominem “conservadoras”, é muito importante notar que suas inclinações agressivas não autorizam esse tipo de denominação. É mais apropriado pensar que os fascistas se apropriam de pautas ideológicas e moralistas de viés conservador, mas eles não podem ser literalmente definidos dessa forma, pois suas manifestações e atitudes públicas traem tendências destrutivas completamente antagônicas a qualquer tipo de “conservação” institucional ou moral propriamente dita. “Conservadores” aspiram à manutenção de estruturas econômicas, políticas ou morais, reagindo contra tendências de transformação ou inovação. O fascista, pelo contrário, não deseja conservar nada, pois seu desejo, reprimido, ou muitas vezes declarado, se dirige à destruição de tudo aquilo que for possível, desde a vida das pessoas que existem à margem da normalidade social, até as próprias instituições democráticas. É por esse motivo que a oratória fascista frequentemente assume sentido

negativo, ligado à iminência de catástrofes, à disseminação de discursos conspiratórios e ao fascínio pela destruição.

Em sintonia com as reflexões de Theodor Adorno, Hannah Arendt, e outros pensadores voltados para a crítica do fascismo, João Hadich se preocupa especialmente com o tema da educação. Para entender o que é a educação, nesta obra, devemos nos afastar dos aspectos instrumentais muito presentes na escola, buscando compreender esse termo como sinônimo de formação do espírito, em sentido contrário à barbárie. Assim, a educação deve ser entendida como processo formativo dirigido contra as tendências de severidade e frieza emocional, pois são estas que geram a vulnerabilidade ao fascismo. Uma educação voltada para o imperativo ético de que Auschwitz não se repita deve mobilizar os educadores contra todas as tendências de ressentimento cultural e emocional, coisificação do espírito e de enquadramento cego dos indivíduos em coletividades agressivas. Os leitores que estiverem sintonizados com uma compreensão ampla da educação, voltada para a desbarbarização e pacificação da sociedade, e sobretudo dirigida ao combate a todo tipo de preconceito, saberão encontrar neste livro uma obra de leitura intelectualmente estimulante, esclarecedora e prazerosa.

Sinésio Ferraz Bueno

